

DF - Saúde

ENTREVISTA/Maria Jacira Leite Gonçalves de Abrantes

Um hospital que impõe sua marca na cidade

ZULEIKA DE SOUZA

Responsável pela saúde de toda a população da Asa Norte, inclusive da Vila Planalto, Granja do Torto e Paranoá, o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) também concentra a grande responsabilidade de ser exclusivo no atendimento aos pacientes queimados. Além de servir de referência no Distrito Federal, a Unidade de Queimados do HRAN é reconhecida fora dos limites da capital federal, como conta a sua diretora, Maria Jacira Leite Gonçalves de Abrantes, a *Eveline de Assis*. Jacira Abrantes, que está na direção do hospital há três anos, fala ainda dos projetos na área de saúde que visam às comunidades mais carentes. O programa de valorização dos funcionários vem se destacando no HRAN, que antes vivia recebendo reclamações e hoje só recebe elogios. Formada pela Faculdade da Paraíba, a pediatra iniciou sua carreira em Brasília. Após passar em segundo lugar no concurso da Fundação Hospitalar ela foi convidada para trabalhar no HBDF, optando por prestar serviços a uma população carente no Hospital Regional do Gama (HRG). Lá Jacira permaneceu por 14 anos, dez deles chefiando o berçário e depois a Pediatria. "No Gama deixei uma Pediatria realmente invejável", contou esta paraibana que está em Brasília há 25 anos. Casada com o médico Manoel Abrantes, com quem tem dois filhos, a pediatra afirma que medicina pública sempre foi sua paixão: "Nunca tive vontade de trabalhar em consultório particular, além disso recebi convites para deixar o HRG, mas sempre os recusei, pois tinha convicção das minhas obrigações".



Jacira Abrantes: "O compromisso básico do hospital é com o doente. Ele não pode ser visto como número. Respeito é fundamental"

Qual o principal projeto do HRAN, que beneficie diretamente a comunidade?

Jacira — Estamos desenvolvendo um projeto visando à integração com a comunidade. Queremos que a população participe mais dos programas de saúde e que tenha este serviço como seu. Atualmente o brasileiro considera mais dele a segurança, o transporte e o embelezamento das quadras. A saúde, não. Estamos atualmente implementando o projeto de saúde nas quadras. Começamos em setembro do ano passado na Granja do Torto, que foi considerada como uma quadra.

Como é desenvolvido esse projeto?

Jacira — Primeiro tentamos sensibilizar a comunidade através das lideranças, em seguida realizamos uma feira de saúde onde foi encenada uma peça que mostra o que é prevenção e promoção de saúde; os principais objetivos do projeto, além da educação, é claro. Esse projeto visa exatamente diminuir o afluxo de pacientes através de várias ações, principalmente com o trabalho de moradores voluntários. Na Granja do Torto temos 15 voluntários trabalhando, eles foram escolhidos pela própria comunidade e posteriormente treinados no próprio hospital.

Qual é o trabalho desse voluntário?

Jacira — Em primeiro lugar eles aplicam um questionário em toda a comunidade, que vai nos fornecer dados sobre a renda, tipo de habitação, saneamento básico, número de crianças, adultos, idosos, gestantes, quem bebe, quem fuma. Enfim, ficamos sabendo tudo para então desenvolvermos a forma de ação. Junto com as lideranças, a comunidade discute o que é essencial e dentro das possibilidades vamos atendendo, dentro de uma determinada prioridade.

Até agora, quais os resultados do programa de saúde nas quadras na Granja do Torto?

Jacira — Em primeiro lugar, o pré-natal atinge cem por cento da população local, o que não ocorre nas áreas onde não chegou o projeto de quadra. Em termos de imunização o percentual é o mesmo, todas as crianças estão com as vacinas completas. Além disso estamos desenvolvendo um trabalho com as mães através dos filhos ou em idade escolar. A mãe do aluno recebe um questionário sobre a prevenção do câncer de mama e depois catalogamos se ela faz parte ou não do grupo de risco. Se fizer, marcamos uma consulta e comunicamos através do filho. Das 84 mulheres que faziam parte do grupo de risco na Granja do Torto apenas uma não compareceu à consulta. Isso mostra o grau de sensibilização da comunidade e que o trabalho está dando resultados, pois em locais onde o projeto não chegou, das mães com consulta marcada apenas 20 por cento comparecem.

Quais outras quadras serão beneficiadas com o projeto de saúde?

Jacira — Estamos começando o trabalho no Paranoá e pretendemos estendê-lo à Vila Planalto, que são as áreas mais carentes da Regional Norte. Além disso o HRAN também está participando do projeto *Nossa Quadra, Nossa Vida*. Isso aconteceu após uma conversa minha com o administrador de Brasília, que marcou uma reunião entre eu, ele e o presidente da associação comunitária. Me reuni, em seguida, com os prefeitos das quadras que puderam ver todos os programas que existem no HRAN. Fui também com eles a um centro de saúde para mostrar como funciona. Os síndicos dos blocos ficarão encarregados de trazer, posteriormente, a relação dos voluntários, que serão treinados para desenvolver as mesmas tarefas que já estão em andamento na Granja do Torto. Pretendemos manter em cada quadra um cantinho de saúde, onde os voluntários encontrarão um aparelho digital para medir a pressão, material para carteira de saúde dos hipertensos, dos diabéticos, idosos e outros. Esse é o projeto de saúde nas quadras.

Com relação ao atendimento no HRAN, o que tem sido feito para melhorar a qualidade?

Jacira — O compromisso básico do hospital é com o doente. Ele não pode ser visto como um número. O respeito ao paciente é fundamental. Outro fato importantíssimo é o esclarecimento, pois muitas vezes o doente é atendido, consultado, recebe uma receita e quando sai na porta do hospital não sabe o que tem, porque ninguém diz. Temos que partir para a formação profissional voltada para a comunidade, para esta realidade. Outra ação que foi criada para melhorar o atendimento é exatamente a mãe acompanhar o filho, o que antes não existia. Isso faz parte da humanização porque tanto lutamos. O paciente acompanhado pela família tem muita chance de se recuperar mais rápido.

Por que o HRAN se destaca no atendimento aos queimados?

Jacira — O Hospital Regional da Asa Norte, apesar de ser um hospital secundário, tem duas especialidades que somente nele são desenvolvidas, que são os queimados e a plástica. Elas vieram parar aqui por decisão da Secretaria de Saúde, que na época mudou a unidade de queimados do Hospital de Base para o HRAN. E, conseqüentemente, a unidade de cirurgia plástica veio junto. Graças à atuação da equipe multiprofissional, a unidade de queimados é referência no Distrito Federal e também em muitos estados do País. Frequentemente recebemos pacientes de outros estados a fim de tratar as sequelas deixadas por queimaduras.

"Das 84 mulheres que faziam parte do grupo de risco, na Granja do Torto, apenas uma não foi à consulta sobre câncer de mama. Isto mostra o grau de como é a sensibilização"

"Pretendemos ter em cada quadra um cantinho de saúde, onde os voluntários vão encontrar um aparelho digital para medir a pressão e material para carteiras dos moradores"

O que tem sido feito para aprimorar o atendimento aos queimados?

Jacira — Os queimados são atendidos inicialmente na emergência pelos cirurgiões plásticos. Dependendo do grau da lesão ele pode ser internado, encaminhado para o centro de saúde — onde continuará o tratamento —, para o ambulatório, ou ainda para casa, com o atendimento e medicação feitos. A Unidade de Queimados desenvolve um trabalho que consiste em cuidar do paciente desde a parte clínica até a parte psicológica.

Como funciona, exatamente, a Unidade de Queimados?

Jacira — Foi criado o centro cirúrgico dentro da unidade, já prevendo a necessidade da operação acontecer no momento adequado, o que faz com que as sequelas sejam menores. Antes todas as cirurgias aconteciam no grande centro cirúrgico do hospital e como este era muito sobrecarregado com outras patologias até mais graves, como o câncer, baleados e esfaqueados, os queimados eram operados quando havia disponibilidade, o que prejudicava o tratamento.

Existe algum trabalho de suporte desenvolvido por esta unidade junto à população?

Jacira — A Unidade de Queimados também conta com um ambulatório, onde o paciente é encaminhado após a alta do cirurgião, da psicóloga e do fisioterapeuta. Paralelamente ao trabalho desenvolvido no HRAN, vamos implantar um programa de prevenção a incêndios nas escolas. A partir de agosto, os bombeiros, juntamente com uma equipe do hospital, irão às escolas mostrando como evitar acidentes com o fogo. Isso será de suma importância, pois quanto mais pessoas se unirem na mesma causa maiores são os resultados. É bom lembrar que o setor funciona 24 horas, não pára e é o único pronto-socorro de Brasília que atende a esse tipo de paciente.

A imprensa tem divulgado muito o trabalho de valorização dos servidores desenvolvido no HRAN. Como é esse programa e qual o objetivo?

Jacira — Acreditamos que a administração moderna passa pela valorização não só do usuário, mas também de quem presta serviço e, neste caso, aqui na Regional Norte, temos visado o bem-estar do funcionário, a fim de que ele também preste um bom serviço. Quando era chefe da Pediatria comecei lutando pelas funcionárias mães e criamos a sala de amamentação, que acabou sendo colocada nos centros de saúde. Há um ano inauguramos a creche para os filhos de servidores do HRAN, que hoje atende a 60 crianças. Criamos também um ambulatório de obstetrícia para a mulher funcioná-

ria. Outra ação importante é o programa com a trabalhadora gestante, que visa a uma melhor acomodação da funcionária grávida dentro do hospital, para que ela não fique trabalhando em setores que possam dar como resultado um recém-nascido doente ou um parto pré-maturo. Criamos também o tratamento odontológico para o servidor e nossa meta é em um ano ter todos os servidores com os dentes tratados. Outra ação foi dar ao funcionário um local exclusivo para a marcação de consultas, antes ele enfrentava fila como todo mundo. Agora não, e isso faz com que o servidor tenha mais tempo para o usuário.

Quais os resultados do programa de valorização do funcionário?

Jacira — Quando eu comecei essa administração, por onde passava só recebia reclamações de usuários. Hoje o que se tem são elogios, através da imprensa, de cartões, cartas, telegramas, telefonemas e até pelas flores que recebo e é esse o resultado que esperávamos.

O corte no orçamento do GDF vai afetar algum programa do HRAN?

Jacira — Tem programa em que não há necessidade de dinheiro e tem outros que dependem de verbas. Por exemplo, estou para dividir a terapia intensiva, separando as crianças dos adultos e com o corte no orçamento provavelmente não vou conseguir. Além disso, quer queiram ou não o HRAN é o pronto-socorro da cidade, acontece que este hospital não foi construído para ter pronto-socorro e a área física foi improvisada. Precisamos urgentemente construir um pronto-socorro, então o corte no orçamento com certeza vai afetar o HRAN.

"Com o corte no orçamento do GDF não sei se vou conseguir dividir a terapia intensiva, separando crianças e adultos. Também precisamos construir com urgência um pronto-socorro no HRAN, o que pode ser afetado pelos cortes"